

## **Polaridade e convergências entre os grupos de mulheres em Guilead: o alerta de perigo em O conto da aia.<sup>1</sup>**

Érica R. Gonçalves<sup>2</sup>  
Universidade Metodista de São Paulo.

### **Resumo**

As distopias ficcionais modernas ganharam força nos últimos anos, gerando uma nova onda de consumo das obras clássicas desse gênero, bem como um aumento significativo na produção de produtos audiovisuais distópicos. Esse trabalho tem como objetivo explorar características que compõe tais narrativas, como forma de buscar entendimento sobre seu potencial de geração de discussão em períodos de tensionamento políticos. Para isso, usamos a série de TV *O conto da aia*, derivada do livro homônimo, escrito por Margaret Atwood.

### **Palavras-chave**

Distopia; ficção seriada; ficção distópica; *streaming*.

### **Introdução**

Nos últimos anos o consumo de ficção distópica se mostra em ascensão no Brasil. Em 2017, ano que marca a estreia da série de TV *O conto da aia*, pela plataforma Hulu, o livro de Margaret Atwood, no qual se baseia, entrou na lista de mais vendidos no Brasil ocupando a discreta 16ª posição. Além dessa obra, *A revolução dos bichos*, de George Orwell, outro clássico do gênero, ficou com a 13ª posição.

No ano seguinte, quando a série estreia na TV brasileira, a obra de Atwood sobe cinco posições, vendendo mais de 60 mil exemplares naquele ano. Em 2019 o livro consegue sua melhor colocação no ranking anual de mais vendidos, alcançando o quarto lugar, com vendas de cerca de 61 mil exemplares. Em 2020, *O conto da aia* é desbancado por dois clássicos de Orwell, *A revolução dos bichos*, na terceira colocação e *1984* na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: rizzi.ERICA@gmail.com

---

quarta, mas figurava entre os dez livros mais vendidos de ficção, na sexta posição e outros quase 24 mil exemplares vendidos<sup>3</sup>.

Além da escalada de popularidade entre leitores, as ficções distópicas ganharam também as telas e, principalmente, as plataformas de *streaming*. Precursora do formato de exibição e maior player em assinaturas no mundo<sup>4</sup>, a Netflix também vem investindo em produções originais do gênero, incluindo a distopia nacional *3%* que já está em sua quarta temporada, reforçando essa tendência.

Apesar da popularidade das ficções distópicas, gênero que comemorou centenário da publicação de sua obra basilar, *Nós* de Evgeni Zamiatin, em 2020, poucos estudos foram feitos a fim de estabelecer parâmetros e características das distopias modernas, bem como suas funções sociais e ideológicas. Neste sentido, nosso objetivo neste trabalho é analisar como as personagens femininas são estabelecidas em *O conto da aia* e como algumas características são usadas para a criação de tensionamentos na trama.

Essa interpretação de características simbólicas, bem como de sua função social e ideológica se faz necessário para a compreensão dos motivos que levam as ficções distópicas, mesmo as mais clássicas, tornarem-se relevantes e formarem uma tendência de consumo atualmente.

Teóricos da literatura entendem esse gênero como um exercício de futuro, um alerta para um perigo que assolará a sociedade, caso regimes políticos totalitários sejam fortalecidos e se estabeleçam como um padrão. Essa análise será nosso ponto de partida para a investigação do contexto social e histórico no qual a obra em questão se insere e é consumida pela audiência.

A delimitação de elementos para a análise em um objeto tão vasto quanto um gênero ficcional é sempre o primeiro desafio a ser transposto. Delimitamos como corpus desse artigo o primeiro episódio da série e determinamos que o livro servirá apenas como apoio para verificação dos elementos em análise. Essa escolha foi feita pois verificamos que a perspectiva das mulheres em Guilead nos forneceria índices e indicadores

---

<sup>3</sup> Dados coletados nas listas de livros mais vendidos de ficção publicada pelo portal Publishnews, especializado em mercado editorial.

<sup>4</sup> No início de 2021, a empresa anunciou que havia batido o número de 204 milhões de assinantes em 2020. Para comparação, a plataforma Disney +, grande concorrente da Netflix, tinha na mesma época 87 milhões de assinatura. (Folha de S. Paulo, 2021)

suficientes para uma análise do potencial de relevância social e ideológico que buscamos entender com a obra.

Nossa principal hipótese é que a separação das mulheres em grupos determinados por sua função naquela sociedade é uma forma de tensionar as relações de poder entre elas, ao mesmo tempo que algumas privações e formas de opressão e retirada de suas identidades configuram elementos de união entre todas. Dentro da categoria mulheres em Guilead, isolamos dois índices: doutrina religiosa e desconstrução da identidade individual. Os indicadores principais serão a aplicação de medidas diferenciativas entre grupos ou a unificação do critério de opressão.

**FIG. 1** – Obelisco de Washington trocada por uma cruz



**FIG. 2** – Vestimentas de cada grupo



### O efeito Netflix nas produções audiovisuais

Estamos designando como “efeito Netflix” as mudanças que percebidas nas produções audiovisuais decorrentes da consolidação das plataformas de *streaming* e a oferta de conteúdo *on-demand*. Além de alterar a forma de disponibilização de conteúdo

---

audiovisual, antes realizada em uma grade horizontal de programação, a Netflix também consolidou o formato seriado na ficção como uma tendência de seu tempo, movimentando ainda a proliferação de produtos nesse formato (CASTELLANO e MEIMARIDS, 2016).

Essa tendência pode ser entendida em referência a Umberto Eco, sobre as transformações sofridas pelas gramáticas de oferta e consumo, bem como a incidência e interações nas tramas narrativas, afetadas pelas transformações sócio-técnicas-discursivas. Ao alterarem seu formato para alcançar a tendência de consumo da audiência contemporânea, as narrativas ficcionais acompanham as estruturas e influências estéticas e técnicas de seu tempo e contexto histórico-cultural (PICCININ, 2016).

Se por um lado a globalização tecnológica promove diversidade de narrativas, por outro implica na massificação de suas estruturas, ou, como referencia Coiro (2018, p. 21), “(...)concretiza-se conceitualmente tão somente em torno de uma pulsão ou fetiche planetário pelos mesmos bens e serviços de consumo (...)”. Com isso, apesar dos diferentes locais de produção e suas heranças culturais próprias, as narrativas contemporâneas ganham cada vez mais uma unidade estrutural e são demarcadas por uma cultura única.

### **Entrando no universo distópico de Guilead**

Guilead é nome do universo criado por Margaret Atwood em seu livro *O conto da aia*, lançado em 1985 e depois transportado para o audiovisual na série homônima produzida pela plataforma *Hulu*, que estreou em 2017. No Brasil a série de TV chegou em 2018 com transmissão pelo canal pago Paramount e posteriormente pela Rede Globo.

Este território fictício, tomou conta de parte dos Estados Unidos da América, dividindo esse país entre uma parte que ainda é independente e luta contra o totalitarismo e outra que foi transformada em um novo país, com regime patriarcal, baseado em preceitos religiosos cristãos, mas que não segue uma doutrina tradicional como conhecemos<sup>5</sup>.

Como o próprio nome da obra já denuncia, a narrativa tem como protagonista uma aia, conhecida como Offred, designada para a casa de um dos Comandantes mais

---

<sup>5</sup> Na série esse fato fica claro no segundo episódio, quando é mostrada uma igreja católica dedicada ao apóstolo São Paulo, sendo demolida, já sob o domínio de Guilead.

---

poderosos e um dos fundadores de Guilead, Fred Waterford e sua esposa, Serena Joy, famosa por ser uma das idealizadoras do que se tornou esse novo país. Antes de Guilead ser instituída, Serena era uma escritora e palestrante, defensora dos valores adotadas pelo novo regime. Na série conhecemos o nome da aia antes de Guilead, June. No livro essa identidade permanece oculta.

O Estado totalitário de Guilead é dividido em classes que funcionam como castas, das quais seus integrantes geralmente não podem sair, a não ser para grupos inferiores, especialmente as mulheres. Se para os homens a divisão se dá entre os comandantes, elite do poder estatal e ideológico, e os trabalhadores; as mulheres estão classificadas em cinco grupos: as esposas, casadas com os comandantes; econoesposas, mulheres designadas para o casamento com subalternos; as marthas, que são as serviçais da casa; as tias, mulheres que atuam como doutrinadoras nos Centros Vermelhos de treinamento destinadas ao último grupo, as aias. Mulheres que integram essa casta estão destinadas a produzir as crianças de Guilead, uma vez que as esposas não as conseguem gerar de forma natural, embora muitas vezes sejam os comandantes a parte estéril do casal, porém esse fato permanece sempre velado, sendo a aia penalizada por não gerar frutos como esperado.

Além dessas classes, existem ainda as denominadas não-mulheres. Àquelas que não se adequam a nenhuma posição anterior e são geralmente enviadas às colônias, que atuam como campos de trabalhos forçados, ou são transformadas em Jezebel, ou seja, destinadas à prostituição em locais fora da vista da sociedade.

M. Keith Brooker (1994 p. 78) descreve o livro como “uma distopia feminista escrita em reação direta ao crescente poder político da direita religiosa norte-americana nos anos 1980, projeta um futuro de pesadelo, no qual tais forças se estabeleceram no controle do governo [tradução nossa<sup>6</sup>]”.

Além da determinação de sua função na sociedade, que define também a cor de suas roupas (FIG. 1) e até mesmo seus nomes, as mulheres em Guilead são proibidas de ler, sob penas que vão desde castigos físicos e mutilação, até a morte. Por esse motivo e,

---

<sup>6</sup> A citação original é: The handmaid's tale, a feminist dystopia written in direct reaction to the growing political power of the American religious right in the 1980's, projects a nightmare future in which such forces have established control of the government.

---

visto que, são elas que fazem as compras da casa, lojas e rótulos de produtos não exibem mais nomes escritos, apenas desenhos e ilustrações compatíveis com seu uso.

A série de TV, que será o objeto de estudo desse artigo se mantém bastante fiel ao livro em sua primeira temporada, imprimindo apenas alguns elementos à narrativa, como por exemplo ao fornecer os nomes originais das aias antes de Guilead, ou a determinação de um período temporal que não fica claro na obra literária.

### **Distopia ficcional como um alerta de futuro desastroso**

O súbito interesse por obras distópicas coincide com o crescimento de movimentos políticos e manifestações de grupos de extrema direita. Isso pode ser visto como uma identificação do público com essas narrativas por meio da familiaridade do tema, já que o gênero tem como uma de suas principais características refletir a sociedade na qual está inserida (Pereira, 2018).

A distopia, transcendendo aqui as linhas entre ficção e a vida real, pode ser um desdobramento de uma utopia, que tem como principal objetivo criar uma sociedade ideal, mesmo que para isso liberdades sejam tolhidas. Uma vez colocadas em práticas, essas utopias não mais podem ser controladas, podendo se transformar em pesadelos coletivos (MATOS, 2017)

O dialogismo entre as situações impostas como ideais em contrapartida ao autoritarismo e privação de liberdade geradas por elas encontrado nas ficções distópicas é uma parte importante para o processo semiótico envolvido nestas obras (Lotman, 1996)

Uma análise mais detalhada das ficções distópicas revela semelhanças entre essas obras e as narrativas medievais. Enquanto o primeiro tipo de narrativa trabalha a moralidade e a obediência popular colocando em cena questões entre o paraíso e o inferno num conflito espiritual entre salvação da alma ou danação eterna, o segundo grupo usa estes medos no âmbito social, transportando-os para a arena do Totalitarismo x Liberdade (GOTTLIEB, 2001).

Em Guilead não é diferente. O uso de passagens e dogmas bíblicos, entre eles a passagem que conta a história de Raquel, que ao se reconhecer como estéril deu sua serva Bila como concubina ao marido Jacó, para que esses gerassem filhos que seriam do casal. Essa mitologia serve de gênese para a o uso das aias na ficção, incluindo a leitura dessa

---

passagem durante as cerimônias nas quais os comandantes mantêm relações sexuais com as aias sob o olhar das esposas.

Traçando um paralelo entre a Igreja medieval e o Estado totalitário moderno podemos destacar o medo como principal elemento para a obediência, sem questionamentos. Os estudos do imaginário também se propuseram a entender a formação de movimentos totalitários na Europa do século XX e, um dos postulados desta corrente teórica, é que o fascismo seria uma forma exacerbada do misticismo religioso, dando ao fenômeno, uma visão coletiva. Neste contexto entram em cena as utopias, que ganham nova força numa tentativa de respirar um mundo ideal (LEGROS et al, 2007, p.92)

Esses mitos, fundadores ou criados através dos tempos, por vezes se misturam com a própria literatura.

O mito literário tem, então, como “matéria-prima”, o mito etno-religioso, e, tirando o valor de verdade que a religião dá ao mito, o mito literário é aquele elemento que se torna recorrente dentro da literatura, seja uma personagem, seja um lugar. (WOLCJEKOWSKI, 2009, P. 20)

Sob a luz da semiótica da cultura, mais especificamente das teorias sobre a semiosfera de Lotman (1996), podemos pensar nesses mitos religiosos como um elemento que transita entre a narrativa medieval e a ficção distópica. No segundo gênero, o paradoxo entre fé e terror é a forma encontrada na literatura para modelizar os textos religiosos medievais em narrativas modernas.

O teórico também destaca a memória como uma das funções do texto, já que este não é apenas um gerador de novos significados, mas também um condensador de memória cultural, na medida em que adquire interpretações que a ele se incorporam, gerando um espaço de significado criado pelo texto em torno de si mesmo, relacionando-se com a memória cultural e adquirindo vida semiótica.

Pode-se esperar que um texto, ao longo dos séculos, se torne desbotado e perca as informações nele contidas. Já os textos que preservam sua atividade cultural revelam uma capacidade de acumular informações, ou seja, uma capacidade de memória. [tradução nossa] (LOTMAN, 1990 p. 18)

Em *O conto da aia* os dogmas religiosos com origem nas narrativas medievais e cristãs são um elemento que perpassa todos os grupos de mulheres. Neste sentido, o uso de tais narrativas é um elemento que as coloca no mesmo patamar de opressão, uma vez que todas estão submetidas a ele.

---

## Desconstrução da identidade

Em Guilead não há identidades individuais, apenas as que diferenciam um grupo do outro. Verificamos esse fato, por exemplo, na descaracterização dos nomes pessoais das aias, que são designadas pelo nome do comandante a quem servem, com o prefixo Of, por exemplo Offred, como é chamada June.

Já no primeiro episódio da série de TV essa despersonalização fica clara, quando Offred, ao encontrar outra aia no lugar de sua habitual companheira de compras Ofglen, é informada que aquela é a nova Ofglen. Marthas e esposas, bem como as econoesposas têm um nome pessoal, porém dificilmente são chamadas por eles. Em geral uma martha será assim chamada, enquanto as esposas ganham designação pelo sobrenome do marido. As tias também são chamadas por um nome, por exemplo tia Lydia, porém esse nome também é dado pelo Estado.

Ainda mais marcante que a nomenclatura são as vestimentas designadas para cada grupo. Em comum podemos destacar o desenho antiquado e conservador, com vestidos longos, de mangas compridas e algum tipo de cobertura para a cabeça, deixando pouco ou nenhuma parte do corpo a mostra.

Mais do que uma tendência de moda, o vestuário é um dos itens que compõem a identidade individual e transmitem mensagens sobre quem os usa, a qual grupo pertence, classe social e outros elementos de status. Ao ser privado de escolha, o indivíduo passa por um processo de massificação e controle.

Esse movimento de controle do que o indivíduo pode ou não usar não é uma construção puramente ficcional, mas sim uma ferramenta de controle usada já na Idade Média, quando a identidade na parte ocidental da Europa obedecia a normas rígidas que definiam a vestimenta de cada classe social. A sociedade moderna, a partir do século XVIII começa a quebrar essas regras e se proliferam diferentes formas de vestir, bem como novas identidades em torno disso (Kellner, 2001).

A moda oferece modelos e materiais para a construção da identidade. As sociedades tradicionais tinham papéis sociais e códigos suntuários relativamente fixos, de tal modo que o traje e a aparência indicavam instantaneamente a classe social, a profissão e o status da pessoa. (KELLNER, 2001, p. 336)

A forma de se vestir constitui mais que uma construção estética, ela é também um elemento de comunicar rebeldia e desejo de quebrar barreiras, sair do óbvio e, muitas



vezes, desafiar a sociedade, impondo por meio das roupas uma ideologia e uma forma de pensar. (Kellner, 2001).

Se por um lado o modelo de vestimenta das mulheres é bastante similar, por outro cada grupo recebe uma cor que o caracteriza (FIG.1). Marthas recebem roupas de um tom opaco verde, quase cinza, cor que caracteriza as roupas das econoesposas, enquanto as tias usam marrom escuro. Às esposas dos comandantes é destacado o tom azul, com algumas variações entre os mais suaves até os mais marcados. Aias usam roupas vermelhas.

No livro, *Offred* descreve dessa forma suas vestes:

Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor da minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas (ATWOOD, 2017 pos.10)

**FIG. 3** – Traje completo das aias.



A escolha das cores designadas a cada grupo denota o lugar que cada uma dessas mulheres ocupa na sociedade. Se as marthas e econoesposas podem quase desaparecer no ambiente opaco de Guilead, tias usam roupas que remontam a uniformes militares enquanto esposas e aias travam o simbólico duelo entre azul e vermelha.

Segundo o dicionário de símbolos (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009), enquanto o azul se caracteriza como a cor mais pura e imaterial; o vermelho oscila entre a representação da vida e da morte. A imaterialidade da irrealidade emanada pelo azul do

---

céu, em contrapartida à super-realidade da vida e da morte emanada pelo vermelho do sangue

Por essa perspectiva da psicologia, desenha-se também um antagonismo entre azul e vermelho, sendo o primeiro utilizado para a descrição das vestes divinas, na mitologia cristã o manto da Virgem Maria, por exemplo; enquanto ao vermelho reserva-se o sinal de alerta, o pecado carnal, como no uso de luzes dessa cor para sinalizar os antigos bordéis (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009).

Levando-se em consideração essa descaracterização da individualidade por meio do uso de uniformes designados pelos grupos, reforçado pela distinção de cores, verificamos que esse índice da narrativa se caracteriza como um fator de tensionamento entre os grupos, o que é reforçado pelo estímulo à vigilância intra e entre grupos de mulheres. Esse fator se caracteriza, por exemplo, pela proibição feita às aias de andarem sozinhas. Ao estabelecer duplas, o Estado impõe também que, em caso de infração de uma, a outra deve delatá-la ou também sofrerá punições.

No caso das aias, as vestimentas na cor vermelha também enfatizam a vigilância, uma vez que, apesar do modelo de roupas adotado para que elas não sejam notadas enquanto mulheres, a cor forte funciona quase como um farol para sua localização em caso de fuga ou de desvio dos caminhos a elas designados.

### **Considerações finais**

Após as análises realizadas neste artigo, percebemos que a obra de Margaret Atwood carrega consigo um importante histórico de sua época de produção, mas se mantém atual por conta do movimento cíclico de retorno de movimentos autoritários e de extrema direita, com grande foco em pautas de costumes e viés religioso, que assola o mundo atualmente.

Essa atualidade da obra, quando combinada com a tendência de produtos audiovisuais seriados, em oferta via streaming, que possibilita a fruição desses produtos de uma forma diferente da televisão convencional, seja aberta ou paga, também permitem trazer para o presente essa narrativa.

Verificamos também a presença de características bastante marcadas das ficções distópicas modernas na obra. Parte importante dessa discussão, que consideramos como

---

uma chamada à consciência do que pode vir pela frente, são as pautas de costumes, desenhadas em *O conto da aia* pela opressão e retirada da identidade individual às mulheres, bem como a imposição de valores relacionados ao Velho Testamento das religiões cristãs tradicionais.

A relação entre distopias modernas e as narrativas religiosas é algo poderoso na construção simbólica e do alerta de perigo, uma vez que são de fácil entendimento da audiência, que há séculos observa esse movimento.

Ao longo dos séculos verificamos o uso da mitologia religiosa para a construção de pautas de costumes e doutrinação popular por meio da coerção psicológica e até pela força física à obediência. Já nas ficções distópicas conseguimos identificar o uso desses índices como uma tentativa de sinalizar um por vir, em caso de estabelecimento de governos totalitários, de forma que, neste gênero ficcional podemos verificar o uso de elementos simbólicos de medo para a subversão de um discurso hegemônico em construção, fato que se contrapõe ao uso convencional de tais narrativas.

### **Referências bibliográficas**

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BOOKER, M. Keith. *Dystopian literature: a theory and research guide*. Greenwood Press. Londres: 1994.

\_\_\_\_\_. *The dystopian impulse in modern literature: Fiction as social criticism*. Greenwood Press. Londres: 1994.

CASTELLANO, M. MEIMARIDIS, M. Netflix, discurso de distinção e os novos modelos de produção televisiva. In: **Contemporânea: comunicação e cultura**, Bahia, v. 14, n. 2, p. 193-209, maio/ ago. 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 17ª ed. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2002.

COIRO, A. L. Estudos Culturais aplicados a pesquisa em comunicação. In: **Teorias da Comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino** [recurso

---

eletrônico]. São Paulo: INTERCOM, 2014. Disponível em:  
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf> acesso em 27 jul. 2021

\_\_\_\_\_. Culturas e identidades: conceitos plurais. In: **Comunicação, cultura e visualidades** 1 ed. São Paulo: Cásper Líbero, 2018.

GOTTLIEB, Erika. **Dystopian fiction east and west – Universe of terror and trial**. Canadá: McGill-Queen’s University Press, 2001.

HILÁRIO, L. C. **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>.

Acesso em: 13 dez. 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru (SP): Edusc, 2001.

LEGROS, Patrick et. al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, I. **The universe of the mind: a semiotic theory of culture**. London/New York: Tauris, 1990.

MATOS, A. S. de M. C. **Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40–59, 2018.

DOI: 10.35699/2316-770X.2017.12600. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/12600>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Mutações da literatura no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

OFFRED (temporada 1, ep. 1). **O conto da aia** [seriado]. Direção: Reed Morano. EUA: Produtora Hulu, 2017.

PICCININ, F. Estratégias narrativas no contemporâneo: o caso das séries televisivas.

In: **Narrativas do ver, do ouvir e do pensar** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul:

Catarse, 2016. Disponível em: <http://editoracatarse.com.br/site/wp->

---

[content/uploads/2016/08/Narrativas do ver do ouvir do pensar e-book.pdf](content/uploads/2016/08/Narrativas_do_ver_do_ouvir_do_pensar_e-book.pdf) . Acesso em 23 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Cumplicidades entre mídia e audiência nas narrativas de “real” na ficção e no jornalismo In: **Lumina**, Juiz de Fora, v. 13, n.1, p. 15-28, jan./ abr. 2019.

WOLCJEKOWSKI, Mauricio Moraes. **Utopia/Distopia e Discurso Totalitário: uma análise comparativo-discursiva entre Admirável mundo novo, de Huxley, e A república, de Platão**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.